

Sobrevidas da Epopeia Camoniana

A epopeia camoniana revela um poder de atracção, quer centrípeta quer centrífuga, sem igual dentro da literatura portuguesa. Para ela convergem inúmeras experiências literárias, nomeadamente subsequentes à sua publicação, em 1572, sendo notável a sua capacidade de ser objecto de reapropriações, reescritas, e mesmo paródias. Este artigo ocupa-se de algumas instâncias dessa sobrevida histórica e simbólica do poema épico camoniano, dentro da literatura portuguesa, caracterizando-o como um caso único no quadro de uma longa história da literatura.

(Helena Carvalhão Buescu, pp. 6–16)

Descrições e Iconografia do Jardim e Gruta de Camões no Século XVIII

Neste artigo proponho mostrar como a notoriedade da obra *Os Lusíadas* de Luís de Camões está na origem do surgimento em Macau do primeiro local de homenagem ao poeta português através dos relatos dos viajantes estrangeiros que rumaram à China no século XVIII com objectivos comerciais ou diplomáticos. Quando a publicação de livros era ainda diminuta e as limitações técnicas apenas permitiam a inserção de poucas ilustrações, no entanto, a descrição e iconografia da Gruta de Camões são presença

constante nestas publicações e tornam-se o primeiro símbolo de Macau além-fronteiras.

(João F. O. Botas, pp. 18–35)

Revisitar a Oficina de Fundição de Canhões de Bocarro em Macau

Não obstante não ter surgido qualquer outro documento de prova cabal, o presente ensaio visa visitar alguma da literatura antiga sobre a oficina de fundição de canhões estabelecida em Macau (c. 1627–1650) por Manuel Tavares Bocarro para expor lacunas no nosso conhecimento, bem como para encorajar mais investigações nesta área. Em sintonia com a historiografia recente, este ensaio reconhece o intercâmbio tecnológico de armamento na Eurásia, em contraste com uma prioridade europeia absoluta do século XVI. Como se verá, isto é amplamente demonstrado pelo intercâmbio tecnológico entre Portugal e a China Ming contratado em Macau. Como igualmente demonstrado, o intercâmbio não se limitou à China, mas estendeu-se também ao Japão e ao Vietname, a pedido da dinastia Nguyễn do Sul.

(Geoffrey C. Gunn, pp. 36–57)

‘Rodolfo, Deo Gratias Princeps ad Macao’: Um Falso Príncipe de Macau na França do Século XVIII

A 24 de Setembro de 1749,

foi apanhado um ‘negro excelente’, bem vestido, falando e escrevendo francês com surpreendente desenvoltura, no porto de Morlaix, em Finisterra, frequentado muitas vezes por corsários bretões. Preso depois de uma briga numa taberna da cidade, foi identificado pela polícia de Morlaix como sendo procurado em diversos portos da Bretanha por ter muitas contas por pagar e distribuído notas e letras de câmbio falsas. Durante o interrogatório policial, o réu identificou-se surpreendentemente como o ‘Príncipe de Macau’ e o filho primogénito do Rei ‘Grande Senhor de Macau’. Para espanto dos funcionários, ele assinou com elegância as suas declarações como ‘Rodolfo, Deo Gratias Princeps ad Macao’. Este ensaio visa investigar este caso criminal bem documentado e tentar compreender os contextos e razões desta falsificação estranha de um suposto ‘Príncipe de Macau’ na França do século XVIII.

(Ivo Carneiro de Sousa, pp. 58–71)

Jaime Correa do Inso, Português, Militar, Viajante e Orientalista, nos Inícios do Séc. XX

Jaime Correa do Inso foi um oficial da Marinha Portuguesa, que viveu entre 1880 e 1967. Com larguíssima experiência em destacamentos além-mar, antes

e depois da queda da monarquia e consequente implantação da República em Portugal, distinguiu-se por alguns escritos sobre o Oriente, nomeadamente Macau. Numa época onde se procurava saber mais das diferentes geografias lusas pelo mundo, a singeleza da prosa, aliada ao rigor descritivo do que observava, traduziu impressões elucidativas, enquanto português desconhecedor de hábitos e culturas orientais. Habilmente descritas, as suas análises conferem um testemunho primordial sobre a vida da então colónia lusa. Testemunho esse muito interessante, dado ser alguém exterior da realidade luso-chinesa, que observava, reflectia e concluía sobre aspectos culturais muito diferentes dos seus.

(Anabela Nunes Monteiro, pp. 72–90)

Perto da Área da Grande Baía: O Wuzhuyang 烏豬洋 e a Wuzhuzhou 烏豬洲 (Pulau Babi) em Fontes Chinesas e Portuguesas (c. 1400–1600)

Na era da navegação à vela, Wuzhudao (烏豬島), a leste da Ilha de Sanchoão (上川島), era um ponto de orientação importante para os navios que navegavam entre o Sudeste Asiático e vários locais ao longo da costa do centro de Guangdong. Não existia nenhuma povoação permanente em Wuzhu, mas a ilha fornecia água e os navegadores chineses

associavam-na a uma divindade protectora. Uma parte do mar da área circundante de Wuzhu era designada por Wuzhuyang (烏豬洋). Todavia, a sua extensão e limites precisos permaneciam desconhecidos. Um terceiro topónimo, Wuzhumen (烏豬門), leva-nos a outras questões. O presente ensaio discute referências seleccionadas nos mapas, textos náuticos e outros textos do período Ming que se relacionam com estes locais com várias ilhas próximas. Considera também outros lugares mencionados em conjunto com o Wuzhuyang. Entretanto, também foram estudadas as fontes portuguesas, em que a Wuzhudao aparece com um nome malaio: Pulau Babi. A análise destes materiais confirma a impressão dada pelos textos e mapas chineses, nomeadamente que Wuzhu/Pulau Babi era um marco importante em contextos náuticos.

(Roderich Ptak, pp. 92–124)

Macau por Construir — Uma Breve História das Propostas de Planeamento Urbanístico não Realizadas de Macau

Mais de metade do território de Macau é constituído por terras recuperadas ao mar. A maioria deste aumento teve lugar durante o século XX, mas, ainda hoje, Macau continua a expandir-se progressivamente para as águas

circundantes. Na verdade, cada aterro é uma *tabula rasa* — uma ‘ardósia em branco’ sem edifícios ou infraestruturas existentes — que permite reimaginar o que uma cidade contemporânea pode ser. Isto engloba decisões quantificáveis sobre a organização das ruas, volumes de construção, e ligações infraestruturais, implica também a consideração de efeitos qualitativos: graus de liberdade, restrição, coerência, complexidade, legibilidade, permeabilidade, interioridade, intimidade e mistério, as relações sinérgicas entre diferentes áreas, e os tipos de estilos de vida desse modo permitidos e engendrados. O resultado cumulativo é um *patchwork* de contíguos mas descontínuos fragmentos urbanos, sendo cada um uma manifestação das ideias contemporâneas sobre o desenho da cidade desejável. E por cada projecto construído, houve muitas mais propostas por executar. Colectivamente, é delineada uma história alternativa, ou histórias alternativas de Macau: um conjunto de Macau-fantasma que mostram o que poderia ter sido e sugerem o que ainda pode ser possível.

(Thomas Daniell, pp. 126–142)

Contos de Ou Mun de António Correia

Esta reflexão permite-nos concluir que António Correia

RESUMOS

registou, em forma de contos breves, cenas da sociedade de Macau em que, por vezes, participa como autor-narrador, podendo esta obra ser considerada uma radiografia datada da sociedade

de Macau com apontamentos autobiográficos, na medida em que ao expor as nuances sociais, também, frequentemente, se coloca a si próprio como personagem interveniente no desenrolar dos

acontecimentos e, não raras vezes, dá a sua opinião e interpretação particular dos acontecimentos e comportamentos das personagens. (Jorge Bruxo, Lurdes Escaleira, pp. 144–161)

ABSTRACTS

Vitalities of the Camonian Epic

Camões' epic reveals a power of attraction, both centripetal and centrifugal, unrivalled in Portuguese literature. Numerous literary experiences converge on it, particularly after its publication in 1572, and its ability to be reappropriated, rewritten and even parodied is remarkable. This article deals with some instances of the historical and symbolic survival of Camões' epic poem within Portuguese literature, characterising it as a unique case in the long history of literature. (Helena Carvalhão Buescu, pp. 6–16)

Descriptions and Iconography of the Camões Garden and Grotto in the 18th Century

Through the records of the eighteenth-century foreign travellers who visited China for commercial or diplomatic purposes, this article analyses the legend surrounding Luís de Camões' epic *Os Lusíadas* and the origin of the first place in Macao to honour the Portuguese

poet. Due to the limited number of books published at the time, technical constraints only allowed for the insertion of a few illustrations, yet descriptions and images of the Camões Grotto appeared frequently in these publications and became a prominent border-crossing symbol of Macao.

(João F. O. Botas, pp. 18–35)

Revisiting the Bocarro Cannon Foundry in Macao

Allowing that no additional 'smoking gun' document has come to light, this article seeks to revisit some of the early literature on the cannon foundry established in Macao (c. 1627–1650) by Manuel Tavares Bocarro to expose gaps in our understanding as well as to encourage further research in this area. In line with recent historiography, the article acknowledges technological exchange in weaponry across Eurasia as opposed to an absolute European priority from the

sixteenth century. As argued, this is amply demonstrated by the Portuguese–Ming China technology exchange such as contracted in Macao. As also demonstrated, the exchange was not confined to China but extended also to Japan and Vietnam under the southern Nguyễn dynasty at their request.

(Geoffrey C. Gunn, pp. 36–57)

'Rodolfo, Deo Gratias Princeps ad Macao': A Faked Prince of Macao in 18th-Century France

On September 24, 1749, a 'superb black man', well dressed, speaking and writing French with surprising resourcefulness, was arrested in the port of Morlaix in Finisterre, often frequented by Breton corsairs. Arrested after a fight in a tavern in the city, the person was identified by the Morlaix police as someone wanted in several ports of Brittany for having left many unpaid bills and distributing counterfeit bills of debt and exchange. During the